OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM PONTA GROSSA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO REGENTE FEIJÓ

Ana Carolina Fleischmann Ramlow (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Murilo Duarte Costa Corrêa (Orientador), e-mail: murilodccorrea@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Direito do Estado.

Direito, Teoria do Direito.

Palavras-chave: Agamben, resistência, contraconduta, forma de vida.

Resumo

Em meio às adversidades do cenário político brasileiro do ano de 2016, o Paraná foi palco da ocupação de diversas escolas de ensino secundário. Na cidade de Ponta Grossa, o Colégio Regente Feijó foi ocupado após assembleia deliberativa por alunos contrários à reforma do ensino médio, à PEC 241 e ao PL 257, marcando o início de um movimento de resistência. Desta vez eram adolescentes que estavam no comando, planejando assembleias e suas respectivas pautas, discutindo assuntos jurídicos e organizando a convivência no colégio através de um ideal de vida comum, caracterizado por elementos como autonomia, horizontalidade e auto-organização. Esta pesquisa busca compreender a lógica constitutiva dessa experiência, dando voz aos participantes e envolvidos, através de pesquisa de campo sob o método qualitativo (entrevista), tendo como base teórica os estudos de Giorgio Agamben, Max Weber, Pierre Dardot e Christian Laval..

Introdução

No dia 07 de outubro de 2016, o colégio Regente Feijó, no Paraná, foi ocupado. Nas redes sociais, alunos publicaram um vídeo no qual se posicionavam contra a reforma do ensino médio, a PEC 241 e a PL 257.
Nos dias seguintes, o colégio presenciou um uso inédito do espaço disciplinar, que desafiou a lógica dos lugares ao misturar, dentro do ambiente tradicionalmente normativo, resistência, estudo, lazer e afeto (CORRÊA, 2016). Os estudantes planejaram a programação de oficinas, do tempo de lazer, de atividades culturais, rotinas de limpeza e de cozinha, controle da entrada e saída de pessoas, entre outros fatores que correspondiam a um conceito estudantil de bem-estar comum.
Neste contexto, o problema de entender os elementos constitutivos da ocupação no Colégio Regente Feijó implica compreender uma ideia de forma de vida e um novo emprego de táticas convencionalmente perpetuadas por mecanismos de controle.

Materiais e Métodos

Para a realização do presente trabalho foi utilizado o método qualitativo. De acordo com a direção do Colégio, a ocupação no Regente contou com cerca de vinte alunos. Logo, foram entrevistadas dez pessoas (50%) que, à época da ocupação, eram alunos e participaram ativamente do movimento. Eles responderam a onze perguntas que buscavam extrair informações sobre o surgimento e organização da ocupação, além da experiência pessoal dos envolvidos.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa, após a devida inscrição do mesmo na Plataforma Brasil, e foi aprovado no parecer de nº 2.673.025.

Resultados e Discussão

O movimento secundarista se destacou por meio da originalidade das táticas utilizadas. Contudo, o que mais chama atenção nas características do movimento é a ocupação em si, que sozinha já assume uma identidade de luta e manifestação.
Dentre as diversas inovações próprias do movimento de ocupação, uma das mais instigantes é a forma como os secundaristas empregaram táticas essencialmente capitalistas como ferramenta de uma luta social que desafia estruturas de poder e, consequentemente, desafia a organização capitalista da sociedade moderna. Ou seja, as ocupações não apenas se apropriaram de táticas originalmente utilizadas pelo capitalismo desde o momento de sua ascensão, como apresentaram uma nova forma de emprego destas táticas, contrária aos seus fins originais.
Logo, é fundamental compreender o que configura uma tática própria ao capitalismo, a começar pelo estudo de Max Weber, que encontra no pensamento protestante puritano a origem do espírito do capitalismo. Weber demonstra que do parasitismo entre o capitalismo e o protestantismo, resultou não apenas a ânsia pelo trabalho, mas também o estímulo à acumulação de capital, a especialização das profissões e o exercício da autonomia, que instaurou no homem o desejo de produzir, de ser útil.
Contudo, ele usa como instrumento de seu estudo as máximas da economia de sua época, as quais não são mais as mesmas da atual sociedade neoliberal.
O que a lógica liberal irá dizer é que não se trata mais de um sujeito que trabalha para a graça de Deus, mas sim, de um sujeito que trabalha pois ele é o que ele faz, e ele “deve ser alguma coisa”. Para Dardot e Laval (2016), este sujeito neoliberal que cobra de si mesmo que ele “seja algo” funciona e pensa como uma empresa, e entende que deve gerir a si próprio como se gere uma firma.
A importância da sede por autonomia é ainda mais forte na modernidade do que na época do início da burguesia: a autonomia foi maximizada. Contudo, como ela é um dos elementos capturados pelo capitalismo, não se deve entender a autonomia neoliberal como uma autonomia real.
Trata-se de uma autonomia ilusória, que faz com que o homem neoliberal pense que está agindo por si mesmo, enquanto, na verdade, está reproduzindo as necessidades do mercado. O interessante é que justamente por meio da autonomia que o movimento secundarista, um movimento de resistência, irá nascer e construir a sua lógica operacional. Na ocupação do Regente Feijó, especificamente, um dos primeiros exemplos de captura da mentalidade do “homem-empresa” em prol da resistência pode ser encontrado no fato gerador da ocupação. Quando questionados durante as entrevistas, os estudantes mencionaram a reforma como fato decisivo para a ocupação.
É interessante notar que a proposta possuía um viés mercantil muito claro: aumenta-se o tempo do jovem dentro da escola, potencializando a transformação do seu corpo e mente em ferramenta do mercado de trabalho, enquanto direciona quase metade deste tempo ao desenvolvimento de uma atividade específica. Ora, o fato de estudantes de quinze anos escolherem o que desejavam fazer profissionalmente no futuro só pode ser classificado como exercício da própria vontade por meio de um ponto de vista superficial e mercantil. Além disso, os estudantes entrevistados também definiram como “gatilho” da ocupação os “retrocessos no setor da educação

pública", a busca por melhorias estruturais nas escolas, assim como o repúdio à PEC 241.

Quando perguntados sobre as atividades realizadas durante a ocupação, todos os entrevistados mencionaram assembleias sobre as novas propostas governamentais. Segundo uma das estudantes, essas reuniões aconteciam justamente "*para estudar sobre as condições de estudo que queriam oferecer ao ensino médio*". Outro aluno declarou "*antes não sabíamos o que era PEC, o que era PL, aprendemos durante a ocupação o significado de todos estes termos*". Percebe-se que o que de fato era repudiado pelos secundaristas era a ideia de permanecerem inertes perante medidas que influenciavam diretamente sobre suas vidas e sua educação.

Nestes debates, os alunos se questionaram a respeito de um ensino integral especializado voltado a determinadas matérias. Uma das entrevistadas declarou que *"algumas escolas estavam literalmente "caindo aos pedaços", então como que eles queriam que a gente ficasse o dia inteiro na escola?"*

Além disso, os estudantes queriam respostas a respeito de quais matérias optativas seriam ofertadas, a fim de assegurar que eles tivessem opções de especialização no campo desejado, e não no campo que a escola ou o governo achassem mais adequado. Ora, o homem-empresarial, construído pelos ideais neoliberais, exerce exatamente a mesma lógica: busca o controle de si mesmo e dos aspectos de sua vida, com o intuito de potencializar o que julga necessário e útil para seus objetivos.

O interessante é notar que, enquanto o projeto de lei responsável pela eclosão do Movimento Secundarista no Paraná encontra sua inspiração nas necessidades do Mercado, a postura dos ocupantes se apropria dos mesmos ideais pregados pelo capitalismo – as características do sujeito-empresarial – porém, em prol dos próprios interesses como alunos de ensino médio. Desafia-se um mecanismo de poder, tomando uma ferramenta de controle, dobrando-a para uso próprio, político e transformando-a em meio de resistência.

Outro exemplo desta "dobra" da lógica capitalista diz respeito às atividades realizadas durante a ocupação de um modo geral. Quando questionados a respeito disso, além das assembleias já mencionadas, os entrevistados citaram: "*diversas oficinas, que envolviam tudo, e aconteciam ao mesmo tempo*"; "*aulas com professores de diversas disciplinas, para o vestibular*", "*esportes, rodas de debates, aulas de libras, música e pintura*"; "*jogávamos Uno, tocávamos violão, participávamos de aulas preparatórias para o Enem*"; "*sempre procurávamos manter o tempo ocupado, mas quando livre jogávamos futebol, queimada, vôlei etc.*"

A escola se transformou em um campo de aprendizado horizontal autogerido que ia além do aspecto acadêmico: um espaço que de fato servisse ao governo de si mesmo contra a ascese neoliberal. Rompe-se com a lógica de afastamento das instituições de ensino, tão verticalizadas e repletas de regras de conduta. Para Agamben (2007), o meio de romper com a sacralidade das coisas - e aqui se entende sacralidade justamente o fato de algumas coisas se encontrarem defesas ao livre uso dos homens - consiste no ato de profanar, que ocorre, na maioria das vezes, pelo contato. Assim como algo sagrado - separado - volta ao mundo dos homens pelo contato - pela profanação -, a experiência de ocupação entregou a escola aos alunos, pelo contato direto destes, que lá dormiam, comiam, estudavam, jogavam, e assim, davam um novo uso ao espaço escolar.

As atividades que ocorriam durante a ocupação revelam que o uso do tempo ideal para os secundaristas ia muito além do uso produtivo do tempo, do emprego das horas na construção de um sujeito contratável. Além disso, não existia liderança. Nas entrevistas, uma ex-aluna declarou: "*todos faziam um pouco de tudo,*

organizavam, limpavam e ajudavam na cozinha. Quem não ajudasse era reprimido, não podia participar da ocupação". Outro estudante, agora na universidade, disse: "*algumas pessoas eram designadas para lidar com questões burocráticas, decisões imediatas caso ocorresse algum problema. Não se tratava de hierarquia*".
Neste contexto, também Agamben (2007) dirá que qualquer ambiente caracterizado pela separação, ou seja, qualquer "improfanável", apenas existe porque retém em si uma intenção profanatória. Nas ocupações, foi possível observar esta potência profanatória se realizar, mesmo que por breve tempo, e mostrar aos governantes e à sociedade que é possível estabelecer - até mesmo por dentro de todos os mecanismos de poder que configuram a modernidade - uma nova forma de vida, de organização e, principalmente, uma nova racionalidade.

Conclusões

Diante dos fatos apresentados, conclui-se que o movimento secundarista no Colégio Regente Feijó funcionou como um dispositivo antagonista que desafiou a lógica da escola, como mecanismo de poder e de autoformação, por meio de uma postura autônoma e consciente de si. Os alunos romperam com a lógica da separação, presente no ambiente escolar, para usar do espaço educacional de uma maneira que de fato servisse ao conhecimento deles mesmos e ao desenvolvimento de atividades que eles achavam relevantes para a sua formação como sujeitos sociais, e não como corpos dóceis dobrados em favor do mercado.
O movimento secundarista contrariou a ideia de autonomia das propostas governamentais para a área da educação secundária, que serviram como gatilho para as ocupações no Paraná. Além disso, as entrevistas tornaram possível identificar um ideal de vida para os alunos, uma vez que a liberdade de escolher a rotina escolar fez com que a escola se tornasse palco de atividades que iam muito além do conhecimento teórico, abrangendo, também as esferas do afeto e do lazer.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos vão ao meu orientador, Murilo Duarte Costa Corrêa, por sua atenção, cordialidade e conhecimento; à direção do Colégio Regente Feijó, aos ex-alunos entrevistados e aos meus colegas Carlos Picanço e Mario Rocha.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Altíssima Pobreza: regras monásticas e formas de vida**. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.

CORRÊA, Murilo Duarte Costa. **A escola contra o estado.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/561148-escola-contra-estado>. Acesso em 06 de junho de 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.